

“SEU ANALFABETO!?”: DISCURSO DE ÓDIO E PRECONCEITO NO BRASIL

Dra. Tatiana de Santana Vieira
(SEDU, MULTIVIX, vieira.s.tatiana@gmail.com)

1 INTRODUÇÃO

No Brasil o ódio e o preconceito se manifestam de diversos modos e por meio de distintas linguagens. De piadas a falas e gestos cotidianos, emanam expressões de violência contra o outro, aquele que é diferente, e que não pensa ou age de acordo com uma determinada conduta social e cultural ou posicionamento político. No corrente ano de 2020, a pandemia ocasionada pelo novo coronavírus, COVID-19, exigiu a restrição da circulação de pessoas e a adoção de protocolos de segurança à saúde individual e coletiva em todo mundo (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE).

Em meses de isolamento e distanciamento social, chamaram a atenção algumas situações amplamente divulgadas nas redes sociais e na mídia. Destacamos algumas delas, que ajudarão na reflexão sobre o tema em discussão: 1) durante a manifestação de trabalhadores da saúde em prol de melhores condições de trabalho, uma enfermeira-manifestante foi chamada de analfabeta em Brasília (DF); 2) meses depois, em Santos (SP), um guarda municipal foi chamado de analfabeto por um desembargador, advertido por andar na rua sem máscara. O ato, na cidade paulista, é uma infração passível de multa, que emitida pelo servidor público, foi rasgada pelo magistrado, que falava em francês com o guarda, em plena via pública; e 3) no início de agosto, um entregador de alimentos via aplicativo foi ofendido no interior de São Paulo, que assim como os anteriores, foi chamado de analfabeto.

Há alguns elementos comuns nas situações descritas: o ataque a profissionais de serviços essenciais no período pandêmico e a negação da gravidade de uma questão de saúde coletiva. Destaca-se ainda o termo utilizado como ofensa aos trabalhadores: analfabeto.

A partir do exposto, levantou-se o seguinte problema: como o preconceito aos trabalhadores e trabalhadoras se manifestam em discursos e atitudes violentas no Brasil? Nessa perspectiva o objetivo geral deste trabalho é discutir o preconceito ao analfabetismo presente em discursos de ódio e práticas violentas no Brasil. Para isso os objetivos específicos são apresentar casos noticiados no qual os discursos de ódio se fazem presentes em recentes acontecimentos; refletir sobre a relação entre discurso de

ódio e preconceito; relacionar uma cultura discursiva violenta em relações sociais contemporâneas; apontar caminhos para emancipação e superação dos discursos violentos.

2 METODOLOGIA

O trabalho é resultado de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório. Como procedimentos metodológicos, elencam-se a pesquisa bibliográfica e documental (MICHEL, 2009). A problematização aliou a literatura sobre preconceito ao analfabeto e aos trabalhadores no Brasil ao noticiário divulgado em sites da imprensa em 2020. Foram selecionadas três notícias diferentes, divulgadas em canais eletrônicos de veículos da imprensa, em formato de textos e/ou vídeos. Os casos foram analisados sob perspectivas teóricas que refletem com criticidade o preconceito aos trabalhadores e anunciam a emancipação como caminho para superação da barbárie.

3 RESULTADOS

Os eventos de preconceito e manifestação violentas contra trabalhadores e trabalhadoras ocorridos no Brasil em 2020, representam uma prática social mais ampla e recorrente: o preconceito que trabalhadores e analfabetos sofrem no Brasil. Aliados da distribuição da riqueza gerada, por meio de seu trabalho, e dos processos educacionais, no Brasil ser trabalhador pobre constitui historicamente um lugar social subalterno e marginalizado. Quando esses fatores são somados a outras marcas sociais como as de gênero e étnicas, são ainda mais intensificados. Assim, os acontecimentos motivadores da escrita deste texto não são situações isoladas.

Ferraro (2004) destaca que os preconceitos em torno do analfabetismo geram uma série de desconceitos¹ (ignorância, cegueira, preguiça, doença, erva daninha, incapacidade, periculosidade etc), desde o Período Imperial (1822-1889), quando a cidadania emergiu no país e o analfabetismo se tornou um problema social, uma das formas de legitimação da chamada exclusão cidadã. Na educação, por exemplo, esse alijamento foi

¹ Ferraro (2004, p. 112) conceitua desconceitos como: “formulações conceituais viesadas, que representam antes munição para uso na luta ideológico-política, do que instrumentos de análise científica da realidade social. Sua construção obedece, assim, muito mais a critérios de preservação ou conquista de privilégios do que de produção do conhecimento”.

materializado por meio de um processo, perpetuado pelo Estado, de exclusão estrutural (ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS). Em análise sobre a conjuntura atual sobre a cidadania, Almeida (2018, p. 31) afirma:

[...] a democracia e a cidadania são elementos importantes na medida em que denotam a estabilidade do sistema e a capacidade do Estado e das demais instituições a ele relacionadas de manter os conflitos e antagonismos que lhes são inerentes à sociabilidade capitalista sob controle. A democracia e a cidadania, a garantia de direitos individuais, sociais e econômicos são elementos caros ao progresso de reprodução capitalista, pois reforçam a ideia de unidade e de coesão social.

Denota-se que se inicialmente o analfabetismo no Brasil apresentou-se como uma problemática política, logo se ampliou para um problema em outras áreas, como a econômica e a pedagógica, quando a escolarização dos trabalhadores estava, de algum modo, associada ao desenvolvimento econômico e social do país. Nessa perspectiva, o fenômeno do analfabetismo requer um olhar sociológico, e não somente pedagógico (FERRARO, 2004).

As falas e atitudes contra trabalhadores remontam à ideia construída há décadas de que o analfabetismo era uma erva daninha que deveria ser erradicada do país (FREIRE, 1977). O que se põe em evidência nas situações em análise não é uma retórica em defesa da educação brasileira como ferramenta para a alfabetização da população, em especial os trabalhadores, ou a reflexão sobre trabalho, direitos e saúde pública, mas a violência. Os discursos e as ações de ódio manifestos em expressões verbais e físicas violentas contra trabalhadores são expressões de uma cultura violenta, individualista e preconceituosa. Dessa forma, entre os muitos elementos de reflexão que os acontecimentos em voga suscitam, destacam-se os indícios da hegemonia de uma sociedade brasileira neoconservadora (ALMEIDA, 2018) e excludente, que tende para uma normalização do ódio e da violência. Nessa sociedade,

só pessoas capazes de articular um discurso de violência contra as minorias, de intolerância e de hiperindividualismo podem dar conta de justificar o estágio atual da economia capitalista, e eles o fazem justamente invocando o direito e com o apoio das instituições de repressão do estado (ALMEIDA, 2018, p. 32).

Em contraposição ao descrito por Almeida está a ideia de um modelo social, cujo alicerce é uma sociedade democrática, emancipada e solidária. Esse processo é urgente para sobrevivência da humanidade e se efetivará por meio da formação humana (ADORNO, 1995). Contudo, para sua concretização é fundamental:

uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado (ADORNO, 1995, p. 141-142).

O caminho para essa tarefa está na desbanalização de pessoas: tomadas por impulso de destruição “que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza” (ADORNO, 1995, p. 155).

Assim, a educação para emancipação deve constituir-se em uma exigência democrática. A superação das ações violentas que caracterizam a barbárie será superada quando efetivarmos uma formação cultural, para além de uma semiformação, na qual prevalece a adaptação e o conformismo, em direção a uma autorreflexão crítica permanente, com a produção de uma consciência verdadeira (SEVERINO, 2006), em um país comprometido com a formação humana e emancipada de seus cidadãos, superando as carências educacionais, culturais e de organização do trabalho.

4 CONCLUSÃO

O texto procurou refletir sobre as manifestações de uma cultura violenta e dominadora na qual a sociedade brasileira está estruturada. Partimos de acontecimentos, aparentemente pontuais de discursos e atitudes violentas contra trabalhadores ocorridos em 2020, cujo ponto de aproximação foi a utilização do termo analfabeto como uma palavra depreciadora. Embora os fatos não tenham qualquer relação com a alfabetização ou nível instrucional das pessoas envolvidas, observa-se que a utilização do termo tem caráter simbólico muito forte, uma vez que remonta ao lugar social e a representação do analfabetismo no Brasil. Requer, por isso, uma análise social e não somente semântica do conceito.

Nas experiências cotidianas brasileira tem-se presenciado práticas neoconservadoras, sua superação perpassa pelo campo da participação social e da educação assumindo um compromisso estético com a emancipação.

5 REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Neoconservadorismo e liberalismo. In: GALLEGOS, Esther Solano (Org.). **O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 27-32.

BOLSONARISTAS que agrediram enfermeiros são identificados e serão processados. **A Tribuna**. 02 maio. 2020. Disponível em: <<https://www.atribuna.com.br/noticias/atualidades/bolsonaristas-que-agrediram-enfermeiros-s%C3%A3o-identificados-e-ser%C3%A3o-processados-1.99341>>. Acesso em 29 ago. 2020.

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. Mudando os rumos do movimento para mudar os rumos da EJA. [20--].

FERRARO, Alceu. Analfabetismo no Brasil: desconceitos e políticas de exclusão. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 22, n. 01, p. 111-126, jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectiva.html>>. Acesso em: 25 ago. 2020.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 2. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GUARDA humilhado por desembargador diz que está sem dormir: 'Não aceito desculpas'. **G1**. 19 jul. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2020/07/19/guarda-humilhado-por-desembargador-diz-que-esta-sem-dormir-nao-aceito-desculpas.ghtml>>. Acesso em: 01 ago. 2020.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 2009.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. COVID-19: medidas não farmacológicas. Disponível em: <<https://www.paho.org/bra/>>. Acesso em: 10 out. 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.3, p. 619-364, set./dez. 2006.

SOUZA, Felipe de. Homem que ofendeu motoboy é banido do IFood; polícia não abre inquérito. **UOL**. 07 ago. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/08/07/racismo-motoboy-entregador-policia.htm>>. Acesso em: 25 ago. 2020.